

REVISTA



FACULDADE ROLIM DE MOURA

ISSN Eletrônico: **2525-5908**

www.revistafarol.com.br

ISSN Impresso: **1807-9660**

Vol. 11, Nº 11. 2020 - Novembro

Contato: revista@farol.edu.br

O DESVIO DA NORMA CULTA: TRABALHADA NUMA DECLARAÇÃO CAIPIRA DA TIRINHA DE CHICO BENTO

Flávio Fernandes Mesquita

Marinalba dos Santos Silva

Renata Fernandes Mesquita

O DESVIO DA NORMA CULTA: TRABALHADA NUMA DECLARAÇÃO CAIPIRA DA TIRINHA DE CHICO BENTO

Flávio Fernandes Mesquita¹
Marinalba dos Santos Silva²
Renata Fernandes Mesquita³

Resumo: O artigo tem por objetivo discutir os desvios da norma culta, trabalhada na tirinha caipira do Chico Bento, nas modalidades sociais das variações linguísticas da Bortoni-Ricardo (2004). Para os teóricos utilizados: Araújo, Vieira e Cavalcante (2009), Calvet, Louis-Jean (2002) a diversidade da linguagem e sua materialização social na população, contribuindo para diversificação das diferentes falas no país, em suas diferentes vertentes. A variação linguística ocorre principalmente pelo fator social, econômico, geográfico, haja vista que este também surge da interação humana. Já para Rossi-lobes, (2000) o preconceito linguístico de variação contra o indivíduo parte devido ao não reconhecimento do que é variação linguística, conseqüentemente, o preconceito linguístico que se pratica com quem “fala diferente do padrão”, Bagno (2007). Para Leite, (2008) o preconceito é algo que existe sem parâmetros algum, sem pesquisa e às escuras. Dessa maneira, convém ressaltar que a língua materna é considerada como um tipo de desvio no que se refere à norma padrão, pois tudo ocorre pelo fato de o preconceito acontecer de forma diversificada por conta de não ser trabalhado pela gramática normativa e muito menos pelo professor em sala de aula. O professor acaba por ficarem presos as tais regras gramaticais e poucos dão ênfase ao processo de variação, ficando esta quando comentada em sala de aula, sendo sinônimo de falar errado.

Palavras-chave: Linguística; Variação Linguística; Desvio Da Norma Culta.

THE DEVIATION FROM THE CULT NORM: WORKED IN A CAIPIRA DECLARATION FROM THE CHICO BENTO TIRINHA

Abstract: The article, has the objective to discuss the deviations cultured norm, worked in Chico Bento's hillbilly comics, in the social modalities of linguistic variations by Borttoni – Ricardo (2004). For such theorists used: Araujo, Vieira and Cavalcante (2009), Calvet, Lais-Jean (2002) the diversity of language and its social materialization in the population, contributing to the diversification of the different speech in the country, in different aspects. Linguist variation is occurring mainly to the social, economic, geographical factors, since this also comes from human interaction. For Rossi-Lopes (2000), the linguistic prejudice of variation against the individual, partly to the non-recognition what is linguistic variations consequently, the linguistic prejudice practiced who “speak differently from the standard”, Bagno (2007). For Leite, (2008) the prejudice is something that exists without any parameters, research in the dark. Thus it be emphasized that the native language it is considered as a type of deviation from the standard norm, because all the prejudice happens in a diversified, and it is worked by the normative gramma much less by the teacher in the classroom. The teacher ends up, is getting stuck in grammatical rules and gradually they give emphasis the process of variation, when this is commented in the classroom, being synonymous to speak wrong.

Keywords: Linguistic; Linguistic Variation; Deviations cultured norm

¹ Mestrando Mesquita, F. F. O Desvio da Norma culta: Trabalhada Numa Declaração Caipira da Tirinha de Chico Bento. Do Curso de Mestrado Letras da UNIR (Universidade Federal de Rondônia) – UNIR/RO, flaviofaropvh@gmail.com;

² Mestranda: Marinalba S.S. E-mail: marinalbasilva30@gmail.com

³ Mestranda: Renata. F. M. E-mail: renatamesquita2011@gmail.com Porto Velho – RO, Setembro de 2020.

INTRODUÇÃO

No artigo aqui exposto, iremos discutir a situação do desvio da norma culta/variação linguística, descrevendo assim essas práticas de modo a colocar em destaque como essa variação acontece, os usos que os diversos falantes fazem destas línguas em seus diferentes contextos comunicativo e social de grupo interiorano. Tudo isso será alisado em uma tirinha do personagem Chico Bento da turma da Mônica. Assim, analisando os seus elementos de fala em conversas informais. Nosso foco determinante é a concentração na variação da norma culta trabalhada no personagem nos quadrinhos da turma da Mônica e sua conversação social.

Partindo do contexto social caipira dessa tirinha de Chico Bento, que descrevemos que a variação da norma culta está intimamente ligada à fatores estruturais e sociais. Devido a esse fato percebemos que os sentidos são construídos e reconstruídos de forma a mostrar os fatores linguístico e extralinguísticos. Para tanto, através do viés da não aceitação dessa variação da norma culta entramos na jurisdição do preconceito linguístico em relação à variação. Essa situação que ocorre contra o indivíduo parte do princípio de não reconhecimento e aceitação da suposta variação linguística da norma culta. Um fato rotineiro que sempre é acentuado em relação ao preconceito linguístico é o que se pratica com quem “fala diferente do padrão” como mostra a tirinha citada. Contudo, sabemos que a variação da norma culta, segue em lado oposto com a educação da língua portuguesa tradicional que é o ensino da gramática e da norma padrão.

Diante do exposto, temos como a lide para essa fundamentação teórica do desvio da norma culta de Araújo, Vieira e Cavalcante (2009), Calvet, Louis-Jean (2002) para o cunho sociovariacionista Tarallo (1999) e Labov (1972) já para a situação da sociolinguística interacional temos Bortoni-Ricardo (2004) para o preconceito linguístico Bagno (2007) e Leite, (2008). Dessa forma, diante dessa vasta pesquisa desses autores acima citado, tentaremos diligenciar no sentido de mostrar diferentes desvios da norma culta, utilizando como corpus a tirinha de Chico Bento, pois simboliza os falantes de regiões interioranas do Brasil. Serão descritos essas falas a partir de teorias da sociolinguística, evidenciando assim a realidade do desvio da norma a partir dos dados coletados Bortoni-Ricardo (2004).

Por conseguinte, e diante de todo o explanado o trabalho tem como objetivo geral formar criticidade nas discussões entre educadores quanto ao uso da língua portuguesa junto ao contraponto do ensino do desvio da norma culta em determinados locais. O objetivo específico seria analisar o professor em sala de aula, diante de sua postura no que se refere ao

desvio da norma culta, além de identificar a metodologia trabalhada pelo docente em sala de aula.

Para desenvolver essa pesquisa metodológica realizamos aqui a pesquisa etnográfica, devido a perspectiva sociolinguística, conforme diz Gumperz e Hymes (1972), tendo como corpus uma tirinha do Chico Bento. Com esse fim, o pesquisador estrategicamente observar a tirinha e depois relatar passo a passo o desvio da norma culta, mostrando assim a situação do desvio da norma.

A Metodologia utilizada para coletar os dados constitui em análise bibliográfica, da tirinha caipira da música de Chico Bento, das variantes sociais, a partir de bases textuais do ramo da análise com o único objetivo de sustentar que é possível trabalhar em sala de aula a variação linguística a partir de quadrinhos ou tirinhas.

1 DESVIO DA NORMA CULTA NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR DA SOCIOLINGUÍSTICA

A língua variacionista advém de fatores que favorecem ou inibem essa ocorrência. Nos repertórios da comunidade regionais e de fala, novas variantes devem ser identificadas. Entretanto, essas variações das normas ocorrem por desvio ou por um conjunto de forma de dizeres a mesma coisa. A diversidade linguística acaba sendo o objeto de estudo da sociolinguística e trazido como variantes pela Bortoni-Ricardo (2004).

Conforme nos mostra Rodrigues (2002), temos dois tipos de variação: a primeira ocorre em relação ao falante; e outra em função do ouvinte. No que tange a variação em relação ao falante, chamamos de variação de dialeto, que é caso daquelas variantes espaciais “como dialetos geográficos ou diatópicos”; a outra é que chamamos de variantes sociais. Esta se relaciona com a classe que são “os dialetos sociais ou diastráticos”. Entramos também nas variantes de grupos de idade que é os “dialeto etários”, as variantes de gerações sendo “variantes diacrônicas” dentre outras. Contudo, variantes em relação ao ouvinte, chama-se de registro, pois acabam sendo variantes de grau de formalidade, como variante em modalidade “falada e escrita” e aquela variante de sintonia, que é quando o “ajuste do emissor ao seu receptor” (CALVET, 2002, p. 111).

O desvio da norma culta (variação) para Mollica (1992), nada mais é do que um acontecimento que vem de um fenômeno universal que acaba por implicar na ocorrência de forma linguística alternativa que é chamada de variantes. Dessa forma, devido à língua

apresentar diversificada variação ou multifacetagem significa dizer que ela é heterogênea em relação aos seus aspectos sociais, culturais, econômicos, geográficos, expressando assim, o comportamento dos falantes. O fator preponderante de determinação de escolha de um desvio da norma culta ou até mesmo de outro é situação do ato da comunicação sendo possibilitado para a língua desviar culturalmente dentro de qualquer grupo ou comunidade. Não restando dúvida que houve esse desvio e que este é inerente à naturalidade da linguagem falada pelas pessoas humanas.

Na fala de Bortoni-Ricardo (2004) um dos postulados principais que serve como base teórica é a de Bloomfield que acabou por admitir que muitos enunciados são equivalentes, sendo a variação regional a forma de expressar do falante, sendo também considerada a maneira alternada de dizer a mesma coisa, desde de que seja levado em conta a função referencial da linguagem.

Nesses termos, temos que a variação é tudo o que forem espontâneos das línguas, essa situação da língua acaba por ser muito maior, tendo em vista, o espaço geográfico em que é falado e tudo isso é nítido devido à má distribuição de renda e de bens, conforme diz Bagno (2007) este diz que:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico (BAGNO, 2007, p. 27). (*grifo nosso*)

O fenômeno da variação linguística deve ser respeitado, pois é relevante para o sistema devido a sua grandeza de variantes trazidas para a linguística, além do seu comportamento funcional. Todavia, nunca podemos deixar de lado a norma culta padrão que temos em nossa língua, muito menos em seus contextos escolares. É necessário sim, um debate nesse sentido nas escolas, analisando tais temas com um olhar bastante crítico. Para isso, é preciso, em relação ao fenômeno do qual tratamos, romper com preconceito linguístico

que vem se perpetuando socialmente sem real parâmetro de um real combate e desconstrução do mesmo (BAGNO, 1999).

Dessa forma, trabalhar o desvio da norma culta numa tirinha de Chico Bento nas escolas requer a observação dos pormenores, no sentido de não se dar ao acaso, além de procurar conscientizar os alunos de que essa situação da tirinha se dar devido a diversos fatores. Contudo, é algo que é inerente da língua e de suas regionalidades e evidenciar que essa sistemática possa ser re-significada, precisa e requer atenção e estímulos adequados e positivos.

A espontaneidade é fator preponderante de uma criança em referência ao seu aprender da língua materna; Porém aprende de maneira não ajustada, por isso entra o ponto de vista escolar, devendo redirecioná-la. Segundo pondera Dewey (1978), diz que: “a criança que esteja aprendendo a falar, não é necessária uma direção para que a mesma venha a conquistar a língua materna”, porém esta deve ter direção no sentido de ajustar ela em suas experiências educativas (WESTBROOK E TEXEIRA, 2010, p.43).

É de bom alvitre dizer que associar a educação às pessoas que possuem certo conhecimento das letras, acaba por ser de péssimo hábito, colocando a lenda de que quem é letrado é educado e o não letrado é mal educado, Westbrook; Teixeira, (2010, p. 42), isso acaba por ser “consequência de escolas que apenas amontou ou entulhou conhecimentos nas vidas das crianças sem ao menos criar significados para o mesmo”. O termo letrado já não é mais compatível com aquele que teve instrução formal (cf. KLEIMAN, 2005) diz que tal nome pode até ser considerada como uma forma de preconceito linguístico.

Para tanto, “traçar objetivos ou fazer qualquer procedimento intervencional, devem se pensar cuidadosamente, vislumbrando sempre as condições dadas, os caminhos por onde percorrer”, a sequência onde seguir e a escolha de uma boa alternativa Westbrook; Teixeira, (2010, p.75). Em síntese, “o desvio da norma culta, devem ser traçadas metricamente seus objetivos considerando a realidade social dos alunos, a variedades faladas por ele, mas mostrando convivência nisso e o saber escolar”, assim superando os preconceitos existentes.

A língua merece um cuidado especial, haja vista, ser o meio de comunicação humana. Além de ser variada e se transformar como seus usuários. Essa pertinência acabou por gerar uma interface entre preconceito linguístico e a sociolinguística Bagno (2007). Com a linguística aplicada Lopus-Rossi (2009), esta considera como uma área interdisciplinar, que acaba por ser empenhar em resolver pendências humanas que advém dos vários usos da linguagem.

Desse modo, é fato preponderante ver que as teorias aqui faladas dialogam no sentido de se trabalhar a produtividade compreensiva do fenômeno da variação linguística. Este sendo sócio histórico e da comunicação de grupo social, assim, um instrumento e meios que se comunica pela interação. A proposta da pedagogia crítica, acaba sendo propor discurso no que se refere à relação entre indivíduos, sociedades e linguagem.

2 O FENÔMENO DA SOCIOLINGUÍSTICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A sociolinguística teve seus trabalhos desenvolvidos por Meillet (1866-1936) e Bakhtin (1895-1975). Esses pensadores que levaram em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, não dissociavam “o material de fala do produtor dessa fala que é o falante. Esta teria convicção em examinar as condições em que fala seria produzida” (BORTONI-RICARDO, 2004 p. 11).

As Ciências Sociais foram adotadas como postura ímpia para o Relativismo cultural, no que diz respeito à Linguística, essa tem em sua essência que a manifestação de qualquer cultura seja ela qual for, tem que ser bem prestigiada no ventre de nossa sociedade, não devendo existir uma cultura intrinsecamente superior à outra, nesses moldes “não deveria existir nenhum padrão de cultura ou de língua que seja considerado inferior ou superior ao outro”. Para Franz Boas (1874 – 1911) tudo isso, é uma herança antropológica, no que se refere à língua ameríndia. Para Bortoni (2004) “nenhum padrão de língua e cultura deveria ser considerado inferior, mesmo que isso seja apropriado para estabelecer indiretamente distinções funcionais entre estes e seus congêneres” (BORTONI-RICARDO, 2004 p. 12).

Quando falamos de resguardar, temos como reserva, o que se pode manifestar contra qualquer definição da língua, vindo a reduzir a um instrumento de comunicação. O que ela pode vir a levar é uma relação neutra entre o falante e a língua. Contudo, a relação que temos com a nossa língua gradual e até mesmo com a de outros falantes variacionista, em relação ao resguardar a língua variante, temos que não é bem assim que funciona, pois há sempre um contexto cultural para analisar, assim, não tiramos o instrumento língua do seu estojo quando temos necessidade de nos comunicar, e depois devolver após usarmos. Para acontecer tal fenômeno necessitamos de atitudes, para com a língua, para com variedade da língua, além de para aqueles que utilizam-se dela de modo bem superficial como um simples instrumento (CALVET, 2002 p. 65).

Dessa forma, temos que conforme (CALVET, 2002 p 67) “no período da história diversos provérbios, como fórmula pré-fabricada expressando bem o preconceito linguístico contra a língua”, assim, tem aduzido que:

Carlos V falava, aos homens em Frances, em Alemão a seus cavalos e em Espanhol a Deus. Tulio di Mauro cita um provérbio do século XVII que diz “O Alemão urra, o Inglês chora, o Francês canta, o Italiano faz comédia e o Espanhol fala”. Nesses provérbios é onde nos vemos de forma clara que o estereótipo linguísticos e nacionalista ficam-se bem confusos (CALVET, 2002 p 67).

Dessa maneira vimos que o estereótipo não se refere a línguas diferentes apenas. Contudo, também as variantes geográficas das línguas, frequentemente classificada pelo senso comum ao longo de uma escala de valores. “As divisões das formas linguísticas em línguas, dialetos e patoás é considerada, de maneira pejorativa, como isomorfa a divisões sociais que por sua vez também se fundam em uma visão pejorativa” (CALVET, 2002 p. 67 – 68).

Mostrando o ponto de vista de outro autor, mas com relação ao mesmo fato de preconceitos, só que dessa vez em relação ao ensino tradicional, gramática tradicional e aos livros didáticos, temos Marcos Bagno (2007), argumentando sobre o círculo vicioso do preconceito linguístico na sociedade quando são transmitidos e perpetuados, tendo cada um deles um grau maior ou menor, por mecanismo que podemos assim dizer um círculo vicioso do próprio preconceito linguístico. Dessa forma, o preconceito linguístico segundo Bagno (2007) que o denomina de “Santíssima Trindade” do preconceito linguístico, sendo eles sobre a gramática, os métodos tradicionais de ensino e até mesmo os próprios livros didáticos, como já citados acima (BAGNO, 2007 p. 73).

O autor (BAGNO, 2007 p. 73) ilustra muito bem surgimento do preconceito linguístico gerado por gramático e a indústria do livro, quando aduz que:

Como é que se forma esse círculo? Assim: a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez Marcos provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores — fechando o círculo — recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua (BAGNO, 2007 p. 73).

No que se refere à gramática, temos a tradicional, que traz na sua origem uma vertente normativa prescritivista, que está inserido no sistema firmemente. Assim, uma política educacional muda muito de região para região, o preconceito torna um dos grandes motivos irrespiráveis da nossa democracia, ou uma política de estímulo de uma postura menos dogmática e mais flexível, por parte do Estado, ajudaria muito, pois no que se refere ao valor

atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas quando são objeto de avaliação negativa.

Assim, temos no entendimento de (BAGNO, 2007 p. 75) que ensina que:

Os preconceitos impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito. E o tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação à outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma (BAGNO, 2007 p. 75).

Quando uma variável de preconceito transmitir um conteúdo com duas ou mais formas informativas, tem-se claro uma mentalidade e atitude negativa, que acaba por se torna integrante do modo das pessoas na situação de variação. Já as coisas alternantes desmascara o mecanismo perverso que compõem o preconceito, vendo a expressar a mesma coisa em igual contexto.

Segundo Leite (2008), o preconceito aparece também visível pelo fato de não se investir em um ensino público de qualidade, assim fica claro a denotação do preconceito como afirma autor o “preconceito como também a intolerância não são somente linguísticos, vindo também aqueles de ordem (social, política, religiosa, racial etc).” (LEITE, 2008, p. 14).

3 ANÁLISE DO EVENTO TIRINHA DE CHICO BENTO NO DESVIO DA NORMA CULTA NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Analisaremos aqui a interação que ocorre numa declaração da tirinha de Chico Bento (figura 1) nos moldes pragmático e semântico. A charge foi retirada da internet e seu intuito é problematizar de maneira exemplificativa o que Construimos como argumentação. A escolha da tirinha da internet apresenta um grande número de visualizações e penetração na leitura rotineira dos brasileiros. Isso se constata através de uma célere pesquisa no Google.

Figura 1

Declaração para os meus amigos

Ces são o colírio do meu ôiu.
São o chiclete garrado na minha carça dins.
São a maionese do meu pão.
O limão da minha caipirinha.
O rechei do meu biscoito.
A masstumate do meu macarrão.
A pincumel do meu buteco.

Nossinhora!
Gosto dimais da conta docês, uai.

Ces são tamém:
O videperfume da minha pintiadêra.
O dentifriço da minha iscovdidente.

Ôiproceisvê,
quem tem amigos assim, tem um tisôru!

Eu guárdesse tisouro, com todo carinho,
Do lado esquerdupeito!!!
Dentro do meu coração!!!

AMOOCÊIS PADANÁ!!!
Bejim e inté.



Figura 1 - Declaração da tirinha 01 do Chico Bento. Fonte: Site da Turma da Mônica (brainly). Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/22345860>> Acesso em Set. 2019.

Neste diálogo declarativo da tirinha, falaremos de modo analítico quanto aos tipos de variação linguística em relação à palavra em si e não ao tópico frasal. Nessa situação temos claro a variante em função do falante, sendo denominada de variação dialetal que são dialetos geográficos ou até mesmo diatópicos como elementos: “**Ces** são o colírio do meu **ôiu**”; “São o chiclete garrado na minha **carça dins**”; “O **rechei** do meu biscoito”; “A **masstumate** do meu macarrão”; “A **pincumel** do meu boteco”; “**Nossinhora**”; “Gosto **dimais** da conta **docês, uai**”; “**Ces** são também”; “O **videperfume** da minha **pintiadêra**”; “O **dentifriço** da minha **iscovdidenti**”; “**Oiproceisvê**”; “Quem tem amigos assim, tem um **tisôru**”; “Eu **guárdesse tirouro**, com todo carinho, do lado **esquerdupeito**”; “**Amoocês padaná**”; “**Bejim e inté**”. Todo esse desvio da norma culta ou variações são tidos como própria do linguaja caipira que é próprio das áreas interioranas brasileiras (BORTONI-RICARDO 2004, p.73).

Convém observar que no evento citado acima temos elementos que acabam por ser associado e considerado típicos de pessoas de baixo nível social. Isso se deve por conta de estarem vinculado a pessoas que vivem em áreas rurais ou que migram para capital dos Estados e acabam em viver nas periferias. Por conta disso acabam por acrescentar um “toque” na variação diastrática. Das 17 (dezessete) ocorrências expostas analisaremos as 8 (oito) primeiras variações sublinhadas. Essa tirinha da figura 1 é tipicamente marcada pela variedade diatópica e diastrática. A análise será feita a partir de traços graduais e traços descontínuos, fazendo relação aos níveis linguísticos afetados pela dita variação.

Os elementos “Ces”, “ôiu”, tirado da frase acima, ambos mostram a grafia de uma metátese. Esta alteração não traz o sistema fonológico na fala e principalmente o valor sociossimbólico atribuído a cada um deles, como é o caso do /Vo/ **que era para está no começo da palavra acima, mas não está assim temos uma clara exclusão tanto de uma consoante /v/ como de uma vogal /o/**: “Vocês” > “Ces” e “olho” > “ôiu”, Cada fonema estabelece uma diferença de significado na palavra. A alteração linguística citada não atinge o nível fonético-fonológico e ainda o morfológico. A outra análise é “carça”, “dins” Nota-se que a variável metátese continua a persistir de maneira que temos duas ou mais formas de dizer a mesma coisa como: “calça” > “carça”, e “Jeans” > “dins”. A primeira nos mostra a alteração de posição de um fonema, no caso o /r/, a segunda ocorre a troca da consoante /j/, e de duas vogais /e/ e /a/, ambas alteram as fonéticas das palavras, “recheio” > “rechei”, massa de tomate” > “masstumate”, “pinga com mel” > “pincumel”, “nossa senhora” > “Nossinhora”, sendo que todos esses casos segundo a Bortoni (2004) são “variantes de formas verbais diferentes que se dão de uma palavra à outra, tudo por força prescritiva regional” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 68).

Segundo (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 73), estas variedades rurais é mais comuns quando utilizadas por comunidades interioranas que estejam geograficamente mais isoladas. Contudo, também o é onde inicia a aquisição da linguagem. Todavia, muito antigo, sendo até mesmo produtivo da língua, um exemplo é caso do *semper* (latim) = sempre (português). Dessa maneira, estes falares são próprios dos falantes da zona rural, como a troca de posição de um fonema para melhor acomodação eufônica. Assim sendo, já que o fenômeno é antigo e não chega a marcar a variação diastrática, partindo da avaliação de uso corrente entre pessoas menos escolarizadas e de baixa renda social.

Continuando a análise temos a representação da palavra “rechei” e “masstumate”, na primeira temos a redução da vogal átona /o/, dando a palavra um som fonético diferenciado. Já na outra há uma troca de lugares de fonemas como artigo /a/, o da preposição /de/ e a consoante “t” mais o artigo “o” /to/, mudando o sentido em detrimento de vocábulo escrito e fonológico. Para Bagno (2007), dar um exemplo que não existe no português falado em Portugal a construção do tipo “estou comendo” e sim “estou a comer”. Essas escritas são simplesmente diferenças de uso e, diferença não são deficiência nem inferioridade (BAGNO, 2007, p. 28).

Na palavra “pincumel” usada no lugar da “pinga com mel”, temos a exclusão da consoante /g/, e do advérbio /com/ o primeiro no final da palavra e outro no meio da frase,

sendo assim um traço gradual de forma verbal. Tais grafias têm alterações em seus fonemas. Segundo Calvet (2002, p. 110), o fato de um falante trazer as variações regionais isso acaba sendo considerada a marca de sua origem geográfica, mas essa situação pode ter dois sentidos: um inconscientemente indicar sua origem e outro voluntariamente o conservar por fidelidade.

A palavra “Nossinhora”, usada no lugar de “nossa senhora” temos traços graduais do português brasileiro. O falante não articula a vogal /a/ e troca consoante /s/ mais a vogal /e/ pela vogal /i/, apresentando-se assim a obstrução da passagem de corrente fonético-fonológico. Essa palavra tem alteração nos níveis fonético-fonológico e morfológico. Para a autora Bortoni-Ricardo (2004, p. 58), como falado acima, “essas variações são descontínuas e gradual da língua portuguesa estando presente no uso linguístico”, assim, encontra-se tal variação na maneira de se expressar das pessoas urbanas, sendo que esse fenômeno ocorre por conta da avaliação social. Tudo isso está ligado extralinguisticamente à diastrática e não diatópica.

Dessa forma, analisaram-se oito palavras (dialetos caipiras) da tinha de Chico Bento, estas representaram marcas de variantes metátese, diatópica e diastrática, tendo uns suas escritas excluídas tanto no que se refere a consoante como da vogal. Mesmo assim, isso tudo ocorreu pelo lado da diastrática e não da diatópica, haja vista, que essas falas são facilmente encontradas nos contextos interioranas regionais de regiões brasileiras. Por conseguinte, todos esses fenômenos aqui expostos são típicos das falas caipiras. Este caipira sempre falado é considerado aquela pessoa de escolaridade baixa e de classe social baixa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o tema do desvio da norma culta (variação), aqui tratados temos que esta é um acontecimento que vem de um fenômeno universal que acaba por implicar na ocorrência de forma linguística alternativa que é chamada de variantes, as quais foram descaracterizadas por usos formais da Norma Culta. O fator preponderante de determinação de escolha de um desvio da norma culta ou até mesmo de outro é situação do ato da comunicação sendo possibilitado para a língua desviar culturalmente dentro de qualquer grupo ou comunidade.

A ciência sociolinguística está totalmente apta a demonstrar a variação da norma culta de variação linguística e social, podendo assim correlacionar as variantes regionais que são

observadas no seio da comunidade e as suas diferenças, existentes estruturalmente na mesma sociedade.

As línguas de certa forma chegam a ser considerada como uma herança histórica, passada de geração em geração. O fator preponderante de determinação de escolha de um desvio da norma culta ou até mesmo de outro é situação do ato da comunicação sendo possibilitado para a língua desviar culturalmente dentro de qualquer grupo ou comunidade. No que tange ao modo de variações das línguas existem diversos fatores como: variantes espaciais, variantes sociais, status socioeconômico, variantes de grupos de idade, variantes de gerações, dentre outras.

Para Saussure (2006) a linguística vem ser a única ciência que não tem um objeto científico, o que acaba criando dentro dela um objeto é apenas o ponto de vista. Ficando a língua como ponto de partida para tal estudo variacionista.

Segundo Bagno (2007) a nossa Língua Portuguesa, possui muitas variedades dialetais. Porém isso é Identificado geograficamente e socialmente pela forma como as pessoas falam. Contudo, sabemos que há preconceitos decorrentes do fator social, relativo a diferentes maneiras de falar. Dessa forma, é extremamente comum considerar as variações linguísticas como uma forma comunicativa de menor prestígio na sociedade e também com um falar social inferiorizado ou até mesmo errado. O problema do preconceito é que ele ainda assola a sociedade quando falamos de línguas interioranas de dialetos, porém isso deve ser enfrentado pela escola, com propósito educacional de objetivar uma educação para o respeito à diferença.

Estudando essas variações e analisando como elas foram trabalhadas na tirinha de Chico Bento, vemos que ela pode também pode ser trabalhada em sala de aula. Ao analisar os 8 (oitos) desvios da norma culta dessa tirinha, o resultado foi imprescindível e gratificante, melhor do que o esperado, pois devido as marcas de variações linguística na tirinha, as variações se confirmam com bastante intensidade e através dessas premissas conseguimos destacar a importância de se trabalhar a variação linguística na escola.

Quanto a isso, para melhor compreender a variação da norma culta, o professor tem que se convencer de que uma língua tem diversas variações linguísticas e que ela se divide em várias línguas, de maneira que ainda temos as variedades regionais, sociais, estilística dentre outras. O docente tem que saber trabalhar a democratização do ensino, porém é de bom alvitre ensinar ao aluno a fazer uso de suas variações em determinados momentos, pois em sala de aula ele terá de aprender a falar a norma culta. Assim sendo, o educador deve fazer com que o aluno aprenda a fazer uso possível das línguas com as suas variações, mas que aluno sabendo

identificar as maneiras e locais certos de usá-los fazendo com que este venha a se sobressair tanto numa roda mais formal de amigos como em outra roda menos formal, para assim ele possa adequadamente se expressar tanto politicamente como socialmente adequado em ambos os ambientes.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T.; CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 21-76.

ARAÚJO, I. R. L.; VIEIRA, A. S.; CAVALCANTE, M. A. S. Contribuições de Vygotsky e Bakhtin na linguagem: sentidos e significados. **Debates em Educação**, Maceió, v. 2, n. 1, p.1-14, jul/dez, 2009.

ANTUNES, I.C. No meio do caminho tinha um equívoco, gramática, tudo ou nada. In: **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 127-134.

BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. Língua Materna - **Letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BORTONI-RICARDO, STELLA Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 37-49

_____, **Manual de sociolinguística** / Stella Maris Bottoni-Ricardo. São Paulo: Contexto. 2014.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: **uma introdução crítica**: tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

DEWEY, j. **Vida e educação**. 10 ed. São Paulo: Melhoramentos; [Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

GUMPERZ, J.; HYMES, D. (orgs.). **Directions in sociolinguistics**. New York: Holt, Rinehart and Winston. 1972.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Cefiel/IEL/Unicamp – Ministério da Educação, 2005.

LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 – 1972

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

ROSSI. Lopes, Iveuta de Abreu. **Variação linguística e ensino de língua portuguesa**: alguns pressupostos básicos. In: COSTA, Catarina de Sena S. M. (Org.). *Linguística e ensino de Língua Portuguesa: sensibilidade cultural e interação didático-pedagógica*. Teresina: EDUFPI, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília (Org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 6a edição. São Paulo: Ática, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 2 6. e d. São Paulo: Cultrix, 2006.

WESTBROOK, Robert B. **John Dewey** / Robert B. Westbrook; Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

Recebido para publicação em setembro de 2020.
Aprovado para publicação em novembro de 2020.
